

Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

<https://www.uem.mz>

facebook.com/uemmoc

twitter.com/uemmoz

youtube.com/uemmoz

Edição: 417 | Segunda-feira, 05 de Outubro de 2026 | Periodicidade: Semanal



WORLD UNIVERSITY RANKING

UEM supera a concorrência

- Universidade moçambicana ultrapassa sete instituições africanas e partilha faixa com universidades do Brasil e de Portugal

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) está à frente de sete universidades africanas e da Universidade Federal de Viçosa, do Brasil, no *World University Rankings* 2027, da *Times Higher Education* (THE). A instituição moçambicana integra a faixa entre as posições 1401 e 1600, partilhada com as

universidades de Brasília, Federal da Bahia, Lusófona e de Évora.

A edição de 2027 reúne 2297 instituições de 118 países e territórios. Os resultados foram apresentados na Cimeira Global do Ensino Superior, realizada de 29 de Setembro a 1 de Outubro de 2026, na

Universidade de Cape Town, na África do Sul, com a participação do Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior.

A UEM participa no *ranking* desde 2023 e continua a ser a única universidade moçambicana classificada. A permanência na tabela assegura a representação de

AINDA NESTA EDIÇÃO:

UEM aprova Directriz para o Uso da Inteligência Artificial

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) acaba de aprovar a Directriz para o Uso da Inteligência Artificial (IA), um instrumento que estabelece princípios e orientações para uma utilização responsável da tecnologia na instituição.

Produtos e Brindes da Marca UEM

Contacte:

(+258) 87 345 6444

(+258) 86 812 8858

cecoma@uem.ac.mz



Moçambique neste sistema internacional de avaliação do ensino superior.

UEM entre universidades africanas

Na comparação com instituições africanas, a UEM surge acima das universidades de Nairobi, do Quênia, e do Zimbábwe, ambas colocadas entre as posições 1601 e 1800.

A Kenyatta University, também do Quênia, e as universidades de Dar es Salaam, da Tanzânia, da Namíbia, do Ruanda e da Zâmbia encontram-se no intervalo de 1801 a 2000, abaixo da faixa ocupada pela instituição moçambicana.

A UEM está no mesmo grupo da Nelson

Mandela University, da África do Sul, e da University of Mauritius: 1401 a 1600. A classificação por intervalos não estabelece uma ordem individual entre instituições da mesma faixa.

Nos resultados por dimensão, a UEM obtém 59,2 pontos em qualidade da investigação e 51,5 em perspectiva internacional. Regista ainda 22,2 na ligação à indústria, 10,7 no ensino e 10,4 no ambiente de investigação. A qualidade da investigação é, assim, a dimensão em que alcança a sua pontuação mais elevada.

UEM no espaço da CPLP

No espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a UEM

partilha a faixa de 1401 a 1600 com as universidades Federal da Bahia e de Brasília, do Brasil, e com a Universidade Lusófona e a Universidade de Évora, de Portugal.

A Universidade Federal de Viçosa aparece nesta edição entre as posições 1601 e 1800. A UEM encontra-se, portanto, numa faixa superior à da instituição brasileira.

O *ranking* combina 17 indicadores distribuídos por cinco dimensões: ensino, ambiente de investigação, qualidade da investigação, perspectiva internacional e ligação à indústria. A qualidade da investigação representa 30 por cento da avaliação, o ensino 29,5 e o ambiente de investigação 29. As restantes dimensões pesam, respectivamente, 7,5 e quatro por cento.

Reitor da UEM defende protagonismo das universidades africanas na construção do conhecimento global

O Reitor da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, defendeu que as universidades africanas devem participar na definição das agendas de investigação, das tecnologias e das soluções que irão moldar o futuro, fortalecendo a sua autonomia científica e estabelecendo parcerias internacionais mais equitativas.

A posição foi apresentada na *World Academic Summit 2026*, realizada de 29 de Setembro a 1 de Outubro, na Cidade do Cabo, África do Sul, onde integrou o painel de alto nível sobre “Preparação, resiliência e liderança em pesquisa num futuro imprevisível”.

Na sua comunicação, o Reitor sustentou que o futuro do conhecimento global não pode ser construído com as universidades africanas à margem. Para estas instituições, preparar-se para um cenário imprevisível exige capacidade para produzir conhecimento sobre as suas próprias sociedades e contribuir, com esse saber, para responder aos desafios mundiais.

Segundo Manuel Guilherme Júnior, a preparação das universidades africanas deve ir além da adopção da inteligência artificial ou da antecipação de crises geopolíticas. Implica, também, assegurar autonomia institucional, recursos e condições para investigar problemas relevantes para as populações, conciliando a procura da excelência internacional com as necessidades nacionais.

Parcerias que reforcem a autonomia científica

O Reitor reconheceu que a internacionalização tem aproximado instituições, mas advertiu que essa ligação não garante, por si só, equidade. Persistem assimetrias na definição das agendas de investigação, no controlo dos dados, na propriedade intelectual, no financiamento, nas publicações e na liderança dos projectos internacionais. Para enfrentar essas desigualdades, defendeu a evolução de modelos centrados na transferência de capacidades para relações de partilha e de criação conjunta de conhecimento, nas quais as universidades africanas assumam a liderança da investigação sobre questões do continente.

Como exemplo, destacou a cooperação entre a UEM e a Suécia, que se aproxima de cinco décadas e tem contribuído para a formação de mestres e doutores e para o fortalecimento institucional. Explicou que a parceria está a evoluir do enfoque na formação de doutores para o reforço do ecossistema de investigação, procurando tornar a UEM mais autónoma e sustentável.



Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior

Na sua perspectiva, uma parceria bem-sucedida deve desenvolver, progressivamente, a capacidade e a responsabilidade institucional, evitando a dependência permanente. Sublinhou, contudo, que reduzir a dependência não significa enfraquecer a internacionalização, mas construir colaborações assentes em interesses estratégicos mútuos.

Preparação para os desafios sociais e tecnológicos

Para a UEM, identificou cinco dimensões de preparação: científica, institucional, do capital humano, financeira e das parcerias. Entre as prioridades de investigação,

apontou as mudanças climáticas, a segurança alimentar e hídrica, a saúde pública, a energia, a transformação digital e a coesão social.

Defendeu, igualmente, sistemas profissionais de gestão da investigação, capazes de administrar financiamentos, propriedade intelectual, transferência de tecnologia e parcerias. Acrescentou que a formação deve preparar as pessoas para aprenderem e se adaptar a novas circunstâncias, enquanto a resiliência institucional exige diversificação das fontes de financiamento.

Sobre a Inteligência Artificial, reconheceu o seu potencial para ampliar o acesso ao conhecimento e fortalecer a investigação. Advertiu, porém, que a tecnologia não deve aprofundar desigualdades, criar novas dependências ou substituir o juízo académico. Nesse sentido, destacou o pluralismo linguístico e a inclusão das línguas africanas no desenvolvimento e na utilização da IA.

Conhecimento como motor do desenvolvimento

Num contexto de redução do financiamento



das universidades, o Reitor defendeu que estas instituições devem reforçar o seu papel como produtoras de conhecimento capaz de impulsionar a economia. Apontou a transição energética, os recursos naturais, a adaptação climática, os sistemas alimentares e marinhos como áreas em que Moçambique pode assumir uma posição de parceiro estratégico no cenário global.

Alertou ainda para o risco de substituir a dependência de doadores pela dependência

de investidores, comprometendo a autonomia na definição das prioridades de investigação.

Organizada pela *Times Higher Education*, a cimeira realizou-se, pela primeira vez, no continente africano, sob o lema “Conhecimento, justiça e futuros: as universidades na era da Inteligência Artificial”, reunindo líderes do ensino superior, investigadores e especialistas em políticas públicas.

UEM aprova Directriz para o Uso da Inteligência Artificial

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) acaba de aprovar a Directriz para o Uso da Inteligência Artificial (IA), um instrumento que estabelece princípios e orientações para uma utilização responsável da tecnologia na instituição.

A informação foi avançada pela Vice-Reitora Académica da UEM, Prof.^a Doutora Amália Uamusse, durante o *workshop* sobre o uso da Inteligência Artificial na Universidade, que decorreu nos dias 30 de Setembro e 01 de Outubro, no Campus Principal, sob o lema “Rumo a uma Agenda Institucional de IA para a UEM”.

Segundo a Vice-Reitora, a aprovação da Directriz representa um avanço significativo e marca o início de uma nova etapa, que passa por definir, de forma clara, o que deve ser feito, por quem, em que sequência e com que recursos.

A nova fase deverá, igualmente, incluir a definição de mecanismos de acompanhamento dos resultados, aprendizagem com base nas experiências e ajustamento das decisões institucionais, à medida que a tecnologia e as necessidades da Universidade forem evoluindo.

Com a duração de dois dias, o *workshop* reúne decisores e gestores da instituição, a diversos níveis, e tem, entre os principais objectivos, a elaboração de um *roadmap* (roteiro) institucional da UEM para a Inteligência Artificial.

De acordo com Amália Uamusse, o roteiro permitirá à Universidade obter uma visão clara das suas necessidades e capacidades actuais, identificar áreas prioritárias de intervenção e estabelecer acções concretas para orientar os próximos passos.

A Vice-Reitora explicou que o *roadmap* deverá definir, igualmente, as prioridades institucionais para o uso responsável da Inteligência Artificial, os instrumentos, procedimentos e práticas que deverão ser revistos, bem como as acções imediatas e de médio prazo.

O documento deverá, ainda, identificar as unidades responsáveis pela implementação



Prof.ª Doutora Amália Uamusse

das acções, as necessidades de capacitação, dados, infra-estruturas e segurança, assim como as oportunidades de investigação e de cooperação com parceiros nacionais e internacionais.

Todavia, segundo Amália Uamusse, o roteiro deverá reflectir as condições concretas da UEM, estabelecer prioridades e permitir que a Universidade avance de forma gradual, responsável e sustentável.

“Não se trata de reproduzir modelos de outras instituições, mas de aprender com experiências relevantes e traduzi-las em soluções adequadas à realidade institucional”, frisou.

INTIC apresenta Estratégia Nacional de Inteligência Artificial

Durante o evento, o Presidente do Instituto Nacional de Tecnologias de Informação e Comunicação (INTIC), Prof. Doutor Lourino Chemane, apresentou a Estratégia Nacional de Inteligência Artificial, que visa contribuir para a construção de um ecossistema de IA robusto, ético e inovador.

A estratégia pretende, igualmente, contribuir para posicionar Moçambique como um país digitalmente resiliente, competitivo e preparado para os desafios da economia global do conhecimento.

O documento, ainda em fase de elaboração, assenta em seis pilares, nomeadamente: Ciência, Infra-estrutura e Ecossistema de IA; Aplicações Sociais e Desenvolvimento Humano; Economia Digital e Empreendedorismo; Segurança, Resiliência e Sustentabilidade Ambiental; Direitos Fundamentais, Informação e Democracia; e Governação, Confiança e Supervisão da IA.

Na sua intervenção, Lourino Chemane apontou algumas das prioridades nacionais que deverão ser consideradas para criar condições para o desenvolvimento e utilização da Inteligência Artificial em Moçambique.

Entre estas, destacou as infra-estruturas e a computação, a formação do capital humano, a protecção de dados e a cibersegurança, os dados e a interoperabilidade, os casos de uso prioritário e a criação de um ecossistema de inovação.



Prof. Doutor Lourino Chemane



Prof. Doutor Donrich Willem Thaldar

Especialista defende integração da IA no ensino e aprendizagem

O advento da Inteligência Artificial está a trazer novas formas de ensinar e de realizar investigação científica. O investigador da Universidade de KwaZulu-Natal, na África do Sul, Prof. Doutor Donrich Willem Thaldar, defende que o ensino tradicional e a Inteligência Artificial devem caminhar juntos.

Na sua perspectiva, as universidades devem responder à utilização de ferramentas de IA, não através de restrições e proibições, mas sim, do empoderamento responsável, mantendo o rigor académico e a responsabilidade ética, bem como assegurando a criação de capacidades internas, tendo em conta que esta tecnologia veio para ficar.

O ensino superior deve continuar a dotar

os estudantes de competências de escrita e de análise crítica, por serem fundamentais para a formação humana. Todavia, deve também promover o desenvolvimento de capacidades para a utilização da IA, uma vez que esta tecnologia fará parte da realidade profissional do futuro.

Para o investigador, o caminho passa por combinar os métodos tradicionais de ensino com as ferramentas de Inteligência Artificial.

Intervindo no *workshop* sobre o uso da IA na UEM, no âmbito do tema “*Responsible AI Governance, Academic Integrity and Institutional Guidelines for AI Use*”, o especialista defendeu que as instituições de ensino superior não devem ceder ao medo perante esta tecnologia. Em vez disso, devem promover a confiança e o empoderamento dos jovens estudantes, incentivando a utilização responsável da Inteligência Artificial.



PARA MELHORAR O ENSINO

Vice-Reitora defende transformação digital

A Vice-Reitora Académica da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Prof.^a Doutora Amália Uamusse, defendeu que a transformação digital deve ser encarada como um instrumento estratégico para melhorar o ensino, ampliar a investigação, preservar e disponibilizar o conhecimento, aproximar a Universidade da sociedade e tornar os serviços mais eficientes e acessíveis.

A posição foi defendida na Quinta-feira (01/10), durante a cerimónia de tomada de posse dos Directores-adjuntos para a área de Investigação e Extensão da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESHTI), da Escola Superior de Desenvolvimento Rural de Vilankulo (ESUDER) e da Faculdade de Educação (FACED), bem como do Director-adjunto para a área de Arquivo e Investigação do Arquivo Histórico de Moçambique.

Na ocasião, tomaram posse Gouveia Sumale, como Director-adjunto da ESHTI; Darla da Conceição Viana, da ESUDER; Ivete Salomão Nhantumbo, da FACED; e António Maposse, do Arquivo Histórico de Moçambique.

Ao dirigir-se aos empossados, Amália Uamusse destacou que a ética, a integridade e o espírito de serviço público devem orientar todas as decisões e actos de gestão. “As áreas que dirigirão não devem funcionar como compartimentos isolados. Investigação, extensão, graduação, arquivo e outras dimensões da missão universitária devem dialogar entre si”, afirmou.

Ao novo Director-adjunto da ESHTI, a

Vice-Reitora Académica recomendou a coordenação dos projectos e planos de investigação e extensão, a promoção da publicação científica, o acompanhamento dos Centros Internos da Escola, a garantia da qualidade da investigação e o reforço da prestação de serviços à comunidade. “O conhecimento produzido pela Escola deve ajudar a compreender melhor os desafios do turismo e, sobretudo, transformar-se em soluções úteis para operadores, instituições e comunidades”, salientou.

Amália Uamusse destacou, igualmente, a necessidade de reforçar a articulação entre o turismo e as Tecnologias de Informação e Comunicação, considerando-a um dos desafios a ter em conta no desenvolvimento da área.

Para a ESUDER, a Vice-Reitora recomendou atenção permanente à qualidade dos processos de ensino e aprendizagem, ao cumprimento dos planos curriculares, à actualização dos cursos e à adequação das competências dos graduados às transformações do mercado de trabalho e às prioridades de desenvolvimento nacional. “A qualidade de um curso depende, em grande medida,

da qualidade dos seus docentes, dos métodos de ensino adoptados, das condições de aprendizagem e da capacidade institucional de avaliar e melhorar continuamente o seu desempenho”, afirmou.

Na Faculdade de Educação, Amália Uamusse destacou a importância da extensão universitária e da prestação de serviços à comunidade como mecanismos para aproximar o conhecimento académico dos problemas concretos da sociedade.

Segundo a dirigente, esta relação deve ocorrer nos dois sentidos: o conhecimento produzido pela Universidade deve contribuir para a resolução de problemas concretos, enquanto os desafios e as experiências da sociedade devem alimentar novas questões de investigação e novas formas de ensino.

Ao Director-adjunto do Arquivo Histórico de Moçambique, recomendou que o exercício das suas funções seja orientado para o reforço da articulação entre a preservação documental, a organização dos arquivos, a investigação científica, a extensão e a divulgação do conhecimento.



Plantações de café ajudam a restaurar biodiversidade na Serra da Gorongosa

As plantações de café introduzidas no interior do Parque Nacional da Gorongosa estão a contribuir para a recuperação da biodiversidade e para a redução das áreas degradadas na Serra da Gorongosa, indica um estudo apresentado no âmbito das jornadas científicas da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF).

Intitulado “O Efeito do Sistema Agroflorestal de Café na Restauração de Áreas Degradadas na Serra da Gorongosa”, o estudo é da autoria da investigadora Carina Jeny Carlos, da FAEF, e procurou avaliar o contributo do sistema agroflorestal de produção de café na recuperação de áreas degradadas naquela região.

A Serra da Gorongosa possui uma área de cerca de 13 mil hectares. Segundo o estudo, pesquisas realizadas entre 2010 e 2015 registaram um crescimento das áreas degradadas estimado em cerca de 317 hectares por ano.

Com a introdução do sistema agroflorestal de produção de café, entretanto, a tendência de degradação terá registado uma redução, passando para cerca de 293 hectares por ano, contribuindo para a recuperação da biodiversidade na região.

Para avaliar os efeitos deste sistema, foram

seleccionadas áreas com e sem plantações de café, tendo como referência indicadores biológicos e físicos de degradação.

A investigação incluiu a identificação e contagem das espécies arbóreas nativas, bem como a medição da altura e do diâmetro das árvores em cada transecto. Posteriormente, foram realizadas análises comparativas da riqueza, abundância, diversidade e equitabilidade das espécies existentes nas duas áreas.

Os resultados mostram que as áreas onde existe o sistema agroflorestal de café apresentam maior riqueza e diversidade de espécies quando comparadas com as áreas sem este sistema.

Segundo os dados apresentados no estudo, foram identificadas 21 espécies nas áreas com sistemas de arborização de café, contra 9 espécies nas áreas sem o sistema.

O índice de diversidade também foi



Carina Jeny Carlos

superior nas áreas com plantações de café, atingindo 2,502, contra 1,040 registado nas áreas sem o sistema de café.

Os resultados sugerem, assim, que a adopção de sistemas agroflorestais de produção de café pode desempenhar um papel importante na recuperação de áreas degradadas e na conservação da biodiversidade na Serra da Gorongosa.

Alvo Ofumane lança “Tsevele”

- Livro reúne contributos sobre cosmologias, identidade e conhecimentos locais e desafia os moçambicanos a assumirem-se como produtores e intérpretes dos seus próprios saberes

A Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade Eduardo Mondlane acolheu, na Quarta-feira (30/09), o lançamento do livro “Tsevele: Epistemologias da Moçambicanidade – Cosmologias, Identidade, Saberes Locais e Recentragem Epistemológica”, coordenado pelo docente Alvo Ofumane, uma obra que coloca os conhecimentos produzidos nas comunidades no centro da reflexão sobre Moçambique.

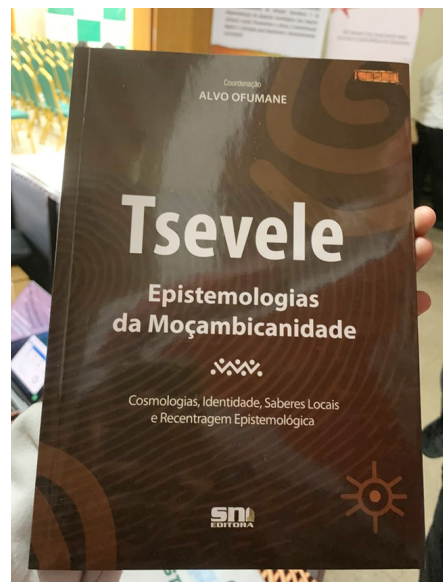
Com 102 páginas, Tsevele nasce da preocupação de documentar, valorizar e conferir maior visibilidade aos conhecimentos, práticas e experiências locais, muitos dos quais permanecem à margem dos espaços convencionais de produção e legitimação do conhecimento académico e científico.

Organizado em quatro secções – Artes e Tradições; Saberes e Práticas; Espaços e Monumentos; e Gastronomia e Plantas –, o livro propõe uma recentragem epistemológica: olhar para a realidade moçambicana

a partir das experiências, referências, práticas culturais e formas de conhecimento produzidas no próprio país.

Para Alvo Ofumane, coordenador da obra, Tsevele resulta, precisamente, da necessidade de organizar e preservar diferentes manifestações do conhecimento local, incluindo as formas pelas quais esses saberes são produzidos, transmitidos e preservados entre gerações.

Segundo explicou, o livro procura deslocar o centro a partir do qual o conhecimento



sobre Moçambique é produzido, valorizando pessoas, comunidades e experiências que nem sempre encontram espaço nos circuitos tradicionais de reconhecimento académico e científico. “O projecto envolve cerca de quinze jovens, distribuídos por diferentes regiões do país, que participaram na documentação de conhecimentos e experiências das comunidades. A iniciativa pretende aproximar os saberes locais das transformações sociais”, afirmou.

Um convite para Moçambique interpretar-se a si próprio

Na apresentação da obra, o Professor Severino Ngoenha destacou a dimensão epistemológica de Tsevele, defendendo que o conhecimento não se constrói no vazio, mas através da criação e interpretação de símbolos.

O académico observou que África foi, durante muito tempo, interpretada e descrita a partir de olhares externos. Neste contexto, Tsevele coloca aos africanos e, particularmente, aos moçambicanos, o desafio de produzirem conhecimento sobre as suas próprias realidades e de se assumirem como intérpretes das suas práticas, experiências e património cultural. “O que confere homogeneidade a este livro, apesar da diversidade de expressões, fórmulas e temáticas abordadas, é que o livro pretende dizer,

essencialmente, que podemos falar mais sobre aquilo que fazemos”, explicou.

Nesta perspectiva, a diversidade temática da obra não constitui uma dispersão. Artes, tradições, gastronomia, plantas, monumentos, práticas sociais e outros saberes são apresentados como diferentes portas de entrada para compreender as formas através das quais as comunidades moçambicanas constroem, conservam e transmitem conhecimento.

Para Ngoenha, para além das epistemologias que apresenta, o livro desafia os leitores a interpretarem as suas próprias práticas culturais, aquilo que fazem e aquilo que sabem, transformando experiências quotidianas em objectos de reflexão e produção de conhecimento.

Das comunidades para o livro

A dimensão colectiva de Tsevele foi, igualmente, destacada por Vanila Amadeu, em representação dos colaboradores da obra. Segundo explicou, a produção dos textos implicou contacto directo com pessoas e comunidades que partilharam histórias, experiências e conhecimentos que, em muitos casos, permanecem fora dos registos formais.

É precisamente nesse encontro entre documentação, memória e reflexão que o livro procura construir a sua contribuição:



Alvo Ofumane

registrar saberes antes que se percam e criar condições para que possam dialogar com os desafios contemporâneos.

Ao reunir diferentes experiências e conhecimentos produzidos no território moçambicano, Alvo Ofumane e os colaboradores de Tsevele procuram, assim, demonstrar que as comunidades não são apenas objectos sobre os quais se produz conhecimento, mas também sujeitos que produzem, conservam e transmitem saberes.

Publicada sob a chancela da SN Editora, a obra apresenta-se, deste modo, como um contributo para a preservação da memória e dos conhecimentos locais e, simultaneamente, como um convite à valorização da capacidade de Moçambique de pensar, interpretar e produzir conhecimento sobre si próprio.



FICHA TÉCNICA

Director: Adão Matimbe

Editor: Cezinando Gabriel

Redação: Carlos Macuacua e Deuladeu Domingos

Revisão Linguística: Prof. Doutor Eliseu Mabasso

Layout: Nelton Gemo

Fotografia: Boaventura Mandlate

Contacto:

Centro de Comunicação e Marketing da UEM (CECOMA)

Campus Universitário Principal

Av. Julius Nyerere, nr. 3453, Maputo

+258 (21) 430239 | cecoma@uem.ac.mz

www.jornal.uem.mz



Cátedra Oliver Tambo
sobre adaptação às mudanças
climáticas nas zonas áridas



**SEMINÁRIO
DE COMUNICAÇÃO**

SIMPÓSIO SOBRE ADAPTAÇÃO E RESILIÊNCIA CLIMÁTICA

Da Investigação à Acção Climática: Comunicando e Construindo Resiliência Comunitária

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) convida a comunidade académica, investigadores, estudantes, instituições públicas e privadas, organizações da sociedade civil, parceiros de desenvolvimento e demais interessados a reservarem estas datas para um espaço de partilha de conhecimento, diálogo e construção de soluções para os desafios das mudanças climáticas.

**SAVE
— THE —
DATE**



22 e 23 de Outubro de 2026



**Complexo Pedagógico nº 2501
Campus Principal da UEM**

**Reserve a data. Junte-se ao debate.
Faça parte da acção climática!**

PARTICIPE!



**OLIVER & ADELAIDE
TAMBO
FOUNDATION**



www.uem.mz



[@uemmoc](https://www.facebook.com/uemmoc)



[@uem_moc/](https://www.instagram.com/uem_moc/)



[@uemmoz](https://www.youtube.com/uemmoz)

